



GT 26. Cosmo-socio-morfologias ameríndias: entre comparação, contrastes e invenção

Coordenador(es):

Paulo Roberto Homem de Góes (Jeriva Socioambiental)

Aline Fonseca Lubel (UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas)

Sessão 1

Debatedor/a: Diogenes Egidio Cariaga (UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul)

Sessão 2

Debatedor/a: Nicole Soares Pinto (UFES - Universidade Federal do Espírito Santo)

Há quase duas décadas Viveiros de Castro propunha que "seria tempo de se tentar uma análise comparativa das morfologias e processos supralocais na Amazônia, que dispusesse lado a lado os "conjuntos multicomunitários" yanomam, os "grupos" e "aglomerações" trio, os madiha kulina, os itso'fha piaroa, os "nexos endógamos" jívaro, os "subgrupos" parakanã ou wari', e assim por diante" (2002, p. 105). Desde então, muitas pesquisas acerca das sociomorfologias ameríndias, na Amazônia e alhures, vem sendo produzidas, porém, a ambição comparativa da etnologia parece não ter acompanhado o desenvolvimento etnográfico com o mesmo vigor. O objetivo do presente GT é debater a comparação enquanto método etnológico e, para tanto, convidamos pesquisadores a dialogar sobre formas ameríndias de "invenção do social": sua produção de coletivos e territórios (atuais e virtuais), com enfoque seja em relações interaldeãs e interétnicas, seja em relações interespecíficas, seja, ainda, na mútua pressuposição de tais relações. Buscamos, portanto, promover debates a partir de etnografias, de trabalhos etnohistóricos, de arqueologia, da linguística ou do próprio conceito de comparação no sentido de renovar as articulações que compõem a agenda da etnologia e de (re)apropriar interpretações das invenções ameríndias do social.

Donos e escalas tupi: um problema morfológico?

Autoria: Rodrigo Rossi Mora Brusco (PPGAS/USP)

As discussões antropológicas sobre morfologia social? parecem ter sempre se ligado, em maior ou menor medida, à questão da escala?. Como esse debate se manifestou na etnologia das terras baixas sul-americanas? O objetivo deste work é tecer uma trama que aponte respostas preliminares a essa questão, ao sugerir que uma maneira profícua de abordar o debate é aproximar o conceito de escala? às figuras dos donos? (ou mestres?) que povoam o imaginário conceitual de diversos povos ameríndios. Para melhor recortar a abordagem, me limito a comparar algumas etnografias que descreveram tais figuras de donos? entre povos falantes de língua tupi. Como é possível notar, essas descrições etnográficas apostam em uma insensibilidade à escala? (Strathern 1999) dos donos tupi, que se replicam fractalmente em diferentes níveis de magnificação. Ainda assim, achados arqueológicos recentes, que sugerem formações de larga escala? na Amazônia pré-colombiana, têm sido interpretados por alguns works antropológicos a partir das figuras dos donos? ? como se a articulação entre morfologia social?, maestria? e escala? pudesse explicar esses dados. Questiono duplamente esse tipo de interpretação. Em primeiro lugar, a partir de um ponto de vista conceitual, pois a condição de associar os donos? às formações de larga escala? do passado é realizar uma operação antropológica sensível à escala com figuras que, como sugerido, são insensíveis a ela. Em segundo lugar, a partir de um ponto de vista etnográfico, ao apresentar a história de expansões e contrações de uma



aldeia kawaiwete, povo tupi-guarani com quem tenho conduzido pesquisa etnográfica. Concluo o work apontando para a necessidade de investigarmos etnograficamente o que poderiam ser conceitos indígenas de ?escala?.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: